



CORPO, POÉTICA E ANCESTRALIDADE: Uma entrevista com Eduardo Oliveira

BODY, POETRY AND ANCESTRALITY: An interview with Eduardo Oliveira

Alexandre de Oliveira Fernandes

 <http://orcid.org/0000-0002-1556-4373>
Instituto Federal de Educação da Bahia
alexandre.pro@gmail.com

Adson Rodrigues de Oliveira

 <http://orcid.org/0000-0002-5460-6951>
Universidade Federal do Sul da Bahia
adson13@hotmail.com

Serinaldo Oliveira Araújo

 <http://orcid.org/0000-0002-5349-3051>
Universidade Federal do Sul da Bahia
adson13@hotmail.com

DOI: 10.22481/odeere.v5i9.6440

RESUMO:

Eduardo Davi Oliveira, autor de livros como “Cosmovisão Africana no Brasil” e “Filosofia da Ancestralidade”, é professor do Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC-UFBA). Ele nos concedeu a presente entrevista durante evento da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, intitulado “Corpo, Poética e Ancestralidade” (UFSB), o qual ocorreu de 11 a 17 de Março de 2019, na cidade de Porto Seguro, Bahia. Nossa conversa foi atravessada por temas como epistemologia negra, saberes milenares do povo Bakongo, mitologia dos orixás, a relação do autor com a Universidade e seu processo de escrita poética no livro “Xirê”. Torcendo para que a simpatia, o conhecimento e o gingado com os quais o professor de Filosofia nos atendeu, possam se apresentar aqui, desejamos a todes, boa leitura! À Eduardo, Adupé!

Palavras-chave: Eduardo Oliveira; Corpo; Poética; Ancestralidade.

ABSTRACT:

Eduardo Oliveira, author of books such as “African Worldview in Brazil” and “Philosophy of Ancestry”, is professor in the multi-institutional and multidisciplinary doctoral programme in Knowledge Dissemination (DMMDC-UFBA). He gave us the present interview during an event at the Federal University of Southern Bahia – UFSB. The event was entitled “Body, Poetry and Ancestry” and took place from March 11th to the 17th, 2019, in the city of Porto Seguro, Bahia. Our conversation was crossed by themes such as black epistemology, ancient knowledge of Bakongo people, mythology of orixás, the author's relationship with the University and his poetic writing process in the book “Xirê”. We hope that the friendliness, the knowledge and the swing which the Philosophy teacher showed us can be also presented here and we wish you all good reading! To Eduardo, Adupé!

Keywords: Eduardo Oliveira; Body; Poetics; Ancestry.

Entrevistador I: Prof. Eduardo Oliveira, iniciamos lhe agradecendo por este momento. Que tal nos contar um pouco sobre que projeto atualmente o senhor tem desenvolvido?

Eduardo Oliveira: Nos últimos anos eu tenho me dedicado a estudar Filosofia Africana. É um campo vasto de pesquisa, com muitas ramificações. Já para começar, não penso em Filosofia Africana como resultado do estudo de um conjunto de especialistas em Filosofia. Não se trata de uma exclusividade. É um campo de conhecimento que transversaliza várias áreas de conhecimento.

Eu particularmente tenho me dedicado à Filosofia como Tradição, à Filosofia Africana brasileira, com clivagem na Antropologia e Literatura. Tem gente que relaciona a Filosofia Africana com História, Sociologia, compreende? Eu faço essa transversalização: Filosofia, Antropologia, Literatura e claro, Educação.

Trata-se do meu campo de atuação, uma vez que sou educador. Mas, o que me interessa é a Filosofia Africana brasileira. Cansei-me de pensar os filósofos e filósofas africanas como sempre foram tratados, especialmente a partir de um olhar Europeu, de modo abstrato e distante da realidade. Isso já não me interessa. Quero sempre um ponto convergente com o Brasil e particularmente com a Bahia. Essa é a Filosofia com a qual trabalho.

O projeto mais atual que desenvolvo tem a ver com o pensamento andino indígena, o pensamento africano no continente, tendo o Brasil como ponto equidistante entre os dois. Tenho feito esse cruzamento. Isso é inédito, ainda não tem publicação. O que eu tenho mais socializado, participando e coordenando encontros e também publicado, está voltado à Filosofia Africana ou Filosofia Africana brasileira, como prefiro chamar hoje em dia.

Entrevistador II: Professor Eduardo, recentemente publicou o livro “Xirê”. Como foi esta experiência?

Eduardo Oliveira: Eu tenho um amigo mais velho que eu, que de certa forma, há

quase 30 anos, me dá os melhores toques, “Ogum’s Toques¹” (risos) de literatura. Ele mora hoje em Mato Grosso e é um poeta extraordinário. Eu sempre o li. Ele publicou apenas uma obra até agora de poesia, que estranhamente são os seus piores poemas, e, paradoxalmente, são lindos. Tenho lido sistematicamente o que ele faz, e eu nunca conseguia escrever minhas poesias, porque tudo que eu queria dizer ele já tinha o dito. Ele se chama Alécio Donizete. Por estranheza que possa parecer, veio fazer doutorado em Salvador e, acabei orientando-o, em um trabalho sobre João Guimarães Rosa².

Tem uma região, contudo que Alécio não conhece, que é a da religiosidade africana. Ele não tem esse pertencimento. Seus textos não acessam esse mundo porque ele não é desse universo. Para mim não faz sentido escrever poesia se eu não falar a minha linguagem, dizer coisas que são muito significativas para mim, de uma maneira que eu possa comunicar exatamente essa singularidade negra. Esse foi o desafio do conjunto de textos que intitulei “Xirê³” e que representa um nicho poético que habito.

Tenho lido muitos poemas da literatura negra sobre Orixás, mas são muito descritivos. “Xirê” para mim foi uma experiência de encontrar minha linguagem, o que é difícil. Essa foi a minha pretensão. Não tenho pretensão que o livro rode, que seja vendável. A minha pergunta com ele sempre foi: eu posso dizer utilizando-me da poesia o que se passa dentro de mim e que não posso traduzir com os artefatos da Filosofia ou da Antropologia?

Fiquei contente com o resultado. Soube que o livro foi adotado em uma escola, mas a validade em ter escrito o “Xirê”, é só esta mesma: eu encontrei minha linguagem.

¹ A Editora Ogum’s iniciou suas atividades em dezembro de 2014, levando ao mercado textos negros de homens e mulheres, gays e lésbicas. Para saber mais, o leitor interessado pode clicar em <http://www.editoraogums.com/somos-ogums/>.

² Alécio Dozinete da Silva (2019) desenvolveu tese intitulada “A razão poética no ‘Grande Sertão: Veredas’: ‘Diálogo’ entre Guimarães Rosa e Maria Zambrano”, em que rasura o discurso racionalista dual de viés platônico ou cartesiano, ainda predominante em nossa tradição de pensamento. Trata-se de trabalho de interesse daqueles que buscam borrar a epistemologia alicerçada no *status quo* ocidental.

³ O autor faz referência a seu livro “Xirê: a brincadeira lírica (um livro de mito-poema), editado pela Ogum’s Toques Negros, em 2016. O livro recebeu dois prefácios, um de Vanda Machado (reconhecida contadora de histórias e mulher de Axé) e outro de Ronald Augusto (poeta e ensaísta). Como bem definiu a escritora Cidinha da Silva, “Xirê” é um livro de *ronkó*, ou seja, nos conta sobre a poesia do encontro com o sagrado no quarto do santo. Cf. <https://revistaforum.com.br/noticias/xire-a-brincadeira-lirica-de-du-oliveira/>

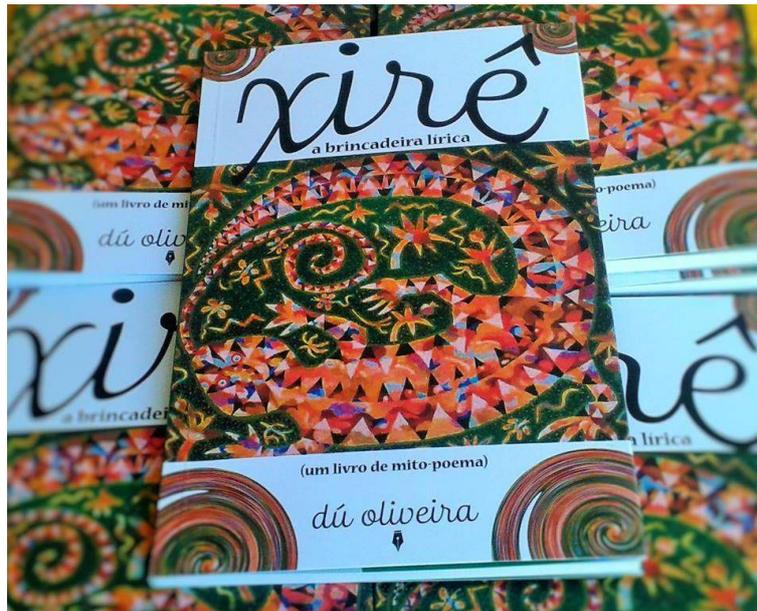


Figura 1 - Xirê: a brincadeira lírica (um livro de mito-poema)

Entrevistador I: Por falar em escola, você diria que as instituições escolares têm colaborado para a descolonização das mentalidades?

Eduardo Oliveira: A escola é um lugar complexo. Nesse sentido, eu digo, paradoxalmente, sim e não. Iniciarei pelo não, pois a escola é uma estrutura conservadora. Há um modo de organizar a Educação tanto no espaço físico quanto no currículo, que é colonizador, predisposto à castração e à dominação. Isso também acontece nas universidades, que são um espaço problemático em relação à diferença, ao ensino de Filosofia negra. Em um âmbito geral, dificuldades acontecem na escola de uma maneira ainda mais perversa.

Imagina-se que na Universidade, os estudantes tenham melhores condições de se defenderem de um ensino controlador, mas na escola, no ensino básico todo, talvez as crianças e os adolescentes tenham menos armas de defesa e a violência seja ainda mais cruel.

É terrível pensar que as escolas ainda tenham carteiras enfileiradas, que o professor ou a professora ainda seja o centro do ensino, dizendo o que é, o que não é correto, legitimando certo saber, sem promover o pensamento crítico.

Para que serve a escola, senão for para nos levar à autorreflexão, ao questionamento crítico sobre mim e sobre o mundo? Em geral, tem criado fórmulas

muito distantes da realidade desses estudantes, o que só pode ser castrador. E, infelizmente, eu vou usar novamente a palavra violência para descrever o que tem ocorrido nas escolas.

Mas, a escola não é apenas isso, um modelo de educação bancária. Eu dei aula muito tempo no Ensino Fundamental. Sou forjado nesses espaços e ficava muito descontente com o que acontecia dentro da sala de aula. Adorava o recreio, onde tudo acontecia. Enquanto a discussão sobre sexualidade era barrada dentro da sala, no recreio tudo acontecia. Eu não ficava na sala dos professores, sempre ficava com a moçada. Pegava o lanche junto, ficava conversando ou só olhando. Ora, enquanto o corpo é negado dentro da sala de aula, o corpo fala, grita, alegremente na hora do recreio.

Em minha prática como educador, sempre tentei fazer com que eles tivessem liberdade. Há professoras e professores que trabalham a educação como um dispositivo de transformação e de libertação. Eu diria que nos últimos 15 a 20 anos tivemos muitos professores e professoras formadas nessa perspectiva. Nem conseguimos medir as consequências da ação de professores e professoras envolvidos com uma educação progressista, mas quando isso ocorre, aí tem-se a descolonização das mentalidades ou ao menos um processo contra formas de opressão.

Acompanho histórias incríveis de pessoas que se “descobrem” negras, que se “descobrem” lésbicas, gays, transexuais, que se “descobrem” quilombolas através da ação da escola, na escola, porque na família não pôde, no trabalho foi impedido, porém na escola encontra esse espaço, e isso não é pouca coisa.

Não é à toa que a escola é o primeiro alvo de um governo conservador, que erige como Ministro da Educação, o mais conservador entre os conservadores, acusando-nos das coisas mais esdrúxulas⁴.

⁴ O entrevistado faz referência a Ricardo Vélez Rodríguez, Ministro da Educação, de 01 de janeiro de 2019 à 08 de abril de 2019. Dentre ações ou falas controversas, durante seu ministério, destaque-se que o edital para a aquisição de livros didáticos pelo governo federal deixou de exigir que as obras retratassem a diversidade étnica e o compromisso com ações de combate à violência contra a mulher; Vélez afirmou que o brasileiro seria “canibal” ao viajar, roubando “coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola”; afirmou que a universidade não seria para todos; publicou vídeo anunciando que a “educação moral e cívica” voltaria às escolas; enviou uma carta a todas as escolas do país pedindo para que fosse lido o slogan de campanha do presidente Jair Messias Bolsonaro e que as crianças fossem filmadas cantando o Hino Nacional; disse pretender fazer revisão nos livros didáticos que contam a história do golpe de 1964 e da

A presença forte de professoras e professores do universo LGBT nas escolas, é incrivelmente transformadora porque não é o que a pessoa diz que importa, mas o seu exemplo. Os estudantes se reconhecem nesses professores e professoras desviantes das normas, e esse é um dos pontos mais fortes de uma educação democrática, promovida por meio de relações e não apenas através do ensino verticalizado de conteúdos. Educamos através da capacidade de criar vínculos com as pessoas. À medida que crio vínculos, crio pertencimentos, afinidades e isso é absolutamente transformador porque altera o estilo, a subjetividade e os modos de se viver.

A estrutura escolar, como se sabe, ainda é absolutamente conservadora. Mas se soubermos nos utilizar de uma “metodologia cupim”, ou seja, se conseguirmos ir “comendo” o Sistema de dentro pra fora, devagarzinho, dali a pouco poderemos fazer desmoronar as Instituições conservadoras. Buscando frestas, encontrando lacunas, fazendo rasuras, sem esquecer que, a toda hora o conservadorismo busca restaurar-se, inclusive com cimento e cal ainda mais fortes. E nós temos que aumentar a massa e o poder dos cupins.

Entrevistador III: Professor, a Universidade Federal da Bahia, casa na qual o senhor trabalha, já foi intitulada pelo ex-senador Abdias do Nascimento, como uma instituição racista. Atualmente, como a UFBA tem se posicionado frente ao avanço do conservadorismo no país?

Eduardo Oliveira: Uma universidade necessita sempre de ser objeto de crítica da sua comunidade. Nesse momento, contudo, com a guinada conservadora que nos atravessa, com um poder incrível na mão de gente fundamentalista, a UFBA tem sido um espaço de respiro, luta e esperança.

Então, se há quatro meses atrás, eu estava fazendo críticas bem pesadas à UFBA, agora, eu continuo fazendo-as, mas um pouco mais tranquilo, porque percebo que ali temos um espaço de resistência.

Há outros exemplos de boas universidades e bons projetos, como o da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. É genial! A prática ainda não é tão

ditadura militar no Brasil. Cf: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/08/ministro-da-educacao-e-demitido-apos-gestao-marcada-por-controversias-e-recuos.ghtml>.

genial assim, mas o projeto o é. Isso é bom! Há excelentes outros exemplos, como a UNILAB, UNILA, a UFABC, a UFRB que foi minha matriz aqui na Bahia. São espaços em que a gente ainda pode respirar. A gente ainda pode pensar, pode criar e fortalecer esses espaços de resistências.

Mas a gente está correndo riscos. Temos sido alvos. A mira do revólver está apontada para nós. E isso é real! E aqueles que trabalham com temas ligados à negritude, gênero e sexualidade são os primeiros alvos. Não tenho dúvidas disso! Temos que estar mais cuidadosos com o que dizemos, com o que fazemos. Ao mesmo tempo, há uma coletividade nesses espaços que nos dá algum alento.

A UFBA tem promovido um discurso de esquerda. O reitor atual, João Carlos Salles, traduz esse discurso desde que assumiu a coordenação da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES. O que eu critico é que esses discursos demoram para serem implementados na própria UFBA. Mas aí são questões internas de luta e poder, nas quais não vou me ater aqui.

Mas, não há dúvidas, a universidade se torna, curiosamente, um espaço de vanguarda, em tempos obscuros, o que não quer dizer que deixe de ser uma estrutura conservadora e elitista. Mas dentro da atual conjuntura, ela se faz um espaço de combate e de resistência.

Entrevistador II: Como vê a relação entre a Universidade e os Movimentos Sociais?

Eduardo Oliveira: A Universidade está muito aquém dos Movimentos Sociais e das comunidades tradicionais. Ela tem que reconhecer, humildemente, a sua ignorância. Estou falando isso em termos de produção de conhecimento, por exemplo, sobre o Brasil. A Universidade sabe muito pouco com relação a esse país. Muito pouco mesmo, porque vive voltada pra o continente europeu em todas as áreas, não apenas nas chamadas humanidades como Filosofia e Literatura.

Os Movimentos Sociais estão na vanguarda de pensar um Brasil como o Brasil o é, e de apresentar projetos para esse país que deem conta dos nossos problemas e das nossas mazelas. Agora, eu compreendo os movimentos sociais de modo muito abrangente.

Tenho dado muita ênfase às comunidades tradicionais. Essas comunidades

mais ancestrais, que apesar dos governos e as vezes até dos movimentos sociais, sobreviveram, com seu saber, com suas práticas que são sempre inclusivas.

É delicioso você ir a uma comunidade quilombola, onde via de regra as pessoas são semialfabetizadas e encontrar doutores letrados. Sempre me percebo não sabendo falar aquela língua e tendo que aprender com aquela comunidade, supostamente tida como ignorante, mas que, na verdade é quem detém a sabedoria.

Não digo isso de maneira idílica, não. Estou falando aqui de maneira muito concreta. A gente ainda não entendeu como, por exemplo, a população negra no Brasil sobreviveu apesar do Estado. Se você vai a uma favela, quilombo, gueto, onde tem capoeira, por exemplo, e pergunta “como vocês sobrevivem aqui”, eles nos dão uma aula de economia, de política, de Educação Física, de culinária, porque esse povo sobrevive comendo, festejando, trabalhando, resistindo.

Já a Universidade, coitadinha, por exemplo, se me lembro da abertura desse evento⁵, me recordo de uma mesa triste, sem cor, pálida, cansativa... Três minutos de atividade e já havia gente olhando o celular, olhando pro lado, batendo papo. Na sequência se iniciou a mesa dos Pataxós. Todo mundo ficou hipnotizado.

O que a gente não sabe fazer, eles fazem! E nós temos muito o que aprender com os povos tradicionais! A força vem deles! Eu não gosto desse negócio de ir lá nas comunidades e ficar olhando como um parasita, sugando tudo para depois transformar em um artigo e publicar. A gente tem o que dizer às comunidades tradicionais, mas sabendo que o nosso lugar – e eu assumo essa posição, é menor!

Entrevistador III: O senhor está nos dizendo que os Movimentos Sociais tem papel importante para nos ajudar a compreender nosso país. Poderia fazer uma fala entrelaçando movimentos sociais, ancestralidade e a formação de uma identidade afro brasileira?

Eduardo Oliveira: De certa maneira a ancestralidade é um conceito que rivaliza com o conceito de identidade. Eu posso me explicar melhor. Sou formado pelos

⁵ O entrevistado se refere ao evento “Corpo, Poética e Ancestralidade”, que reuniu artistas, mestras e mestres das tradições populares, pesquisadoras e pesquisadores para discutir discutem e produzir poéticas em torno do corpo e a ancestralidade. A programação e maiores detalhes acerca do evento podem ser consultados em <http://corpoeticancestral.org/>.

Movimentos Sociais – quando morei no sul do país, por 11 anos, estive vinculado ao movimento negro de Curitiba – logo, o conceito de identidade para mim é fundamental.

Ora, afirmar uma identidade étnico-racial é essencial para uma população historicamente negada. Isso se torna mais que necessário, uma ação contra a biopolítica, a necropolítica⁶. Contudo, há um problema na categoria “identidade”, pois, conceitualmente falando ela retoma o pensamento de Hegel⁷, a saber, identidade como uma totalidade sempre igual a si. Ela sempre remeteria a uma totalidade fechada para si. É um tipo de conceito que não gosto de trabalhar, sobretudo quando problematizamos esta categoria numa perspectiva política e social.

Ideia mais interessante seria pensarmos em identidades fluidas, porosas, que se estendem como construtos históricos e sociais e que respondam a problemas em determinado tempo e espaço. Logo, não pode ser uma totalidade fechada em si mesma e nem essencialista.

Por outro lado, o conceito de ancestralidade, trata de pertencimento e, nesse sentido, combate o conceito de identidade hegeliano. Trata-se de pensarmos em um conceito de ancestralidade que, embora tenha raízes, paradoxalmente, seja capaz de beber e de comer tudo o que está à volta, sem cair em armadilhas como a da mestiçagem.

Estou afirmando a possibilidade de identidades étnicas, capazes de transversalizar com tudo aquilo que ela “come” e por tudo que ela é “comida”. Não é um conceito fechado, portanto. A ancestralidade, vista sob esta perspectiva, faz com que a gente possa se compreender individualmente e, ao mesmo tempo, coletivamente e em fluxo.

A ancestralidade entra aí como uma trajetória aberta, mas com certa direção. Aberta porque dialoga dentro de contextos, com direção porque tem um vínculo, neste caso com o continente africano e com a diáspora. A ancestralidade

⁶ O leitor interessado em se aprofundar no assunto pode recorrer ao estudo do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), intitulado “Necropolítica”. O autor avança as discussões sobre biopolítica de Michel Foucault, apropriando-se de escritos de George Bataille e Hannah Arendt para defender a tese de que temos um Estado soberano que decide quem vive e quem morre, cuja empresa atua por meio de um “necropoder”, qual seja, um poder colonial contemporâneo.

⁷ Trata-se do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1834).

é a nossa identidade coletiva. Diz quem somos, mas não nos traduz. Ela nos discursa. A ancestralidade é o nosso discurso de pertencimento.

Entrevistador I: Professor, poderia nos falar um pouco sobre o Cosmograma Bakongo?

Eduardo Oliveira: O Cosmograma Bakongo, é de matriz Banto⁸. A maior parte do continente africano desde Camarões até a África do Sul é um universo Banto, que abriga o povo Bakongo, responsável pela criação de um cosmograma que cartografa a vida deste povo.

É válido para explicar como surgiu o universo. É fácil explicar a teoria do Big Bang pelo Cosmograma, o ciclo da agricultura, o modo como se organiza a política, a espiritualidade, a vida social da comunidade. É uma cartografia que transversaliza toda a esfera da vida social deste povo. É genial.

Nós da Rede Africanidades⁹ fazemos apropriações muito particulares com o Cosmograma Bakongo. Eu tenho o tratado na Academia como instrumento epistemológico, ou seja, para e de produção de conhecimento. Essa é a minha linha de discussão. Eu não sou banto, minha tradição religiosa também não o é, logo, não uso o cosmograma para minha tradição.

O Cosmograma Bakongo é uma roda. É muito simples de entender: ele é a trajetória do sol durante o dia. As seis horas da manhã, ele se localiza em um ponto que chamamos de Kala. Ao meio dia se posiciona no vértice que chamamos Tukula. Depois, o pôr do sol que se chama Luvêmba. Trata-se da trajetória do sol, nascimento, auge e declínio.

A parte de cima é a que chamamos viventes e a parte debaixo são os ancestrais. O Cosmograma Bakongo nos explica a relação dos viventes com os ancestrais. É uma relação entre Kala e Luvêmba, entre bebês e anciãos, entre o

⁸ Povos banto – Ba-ntu – representam mais de 400 etnias e mais de 20 países, dentre eles, Camarões, Gabão, Congo, República Democrática do Congo, Uganda, Quênia, Tanzânia, Moçambique, Malauí, Zâmbia, Angola, Namíbia, Botsuana, Zimbábue, Suazilândia, Lesoto, África do Sul.

⁹ Trata-se de grupo de pesquisa coordenado pelo professor Eduardo Oliveira, que desenvolve trabalhos com os temas ligados às Africanidades na diáspora. Seu objetivo é articular, produzir e difundir conhecimento, metodologias e práxis relativas a Filosofia Africana e da Libertação em diálogo com os movimentos sociais, comunidades tradicionais, ativistas e suas diversas linguagens criativas, com acadêmicos da graduação e pós-graduação. Cf. <https://redeafricanidades.wordpress.com/>.

novo e o velho. É um cosmograma que dá conta de entender a relação espiritual entre mortos e vivos, jovens e velhos e toda a esfera da vida social.

Epistemologicamente, isto me vale bastante. Há uma tese que foi defendida na área do Direito¹⁰, na qual o Cosmograma Bakongo é utilizado como fundamentação de um direito africano-brasileiro. E estão fazendo outras tantas coisas. O mestre Cobra Mansa, por exemplo, está estudando as relações entre a capoeira e o cosmograma. Tem muita coisa acontecendo, mas ainda é novíssimo para gente.

A principal fonte acerca do Cosmograma Bakongo era o Dr. Bunseki Fu-Kiau¹¹, congolês que vivia nos Estados Unidos e faleceu há algum tempo. Ele vinha muito à Bahia. Era amigo de Makota Valdina¹², que é nossa primeira inspiração. Os textos iniciais que li sobre o cosmograma foram traduzidos por essa senhora que fala o Bakongo. É um luxo. Eu só sei traduzir o cosmograma do Inglês para o Português. Ela sabe traduzir do Bakongo para o Português, o que é outra potência.

Nos reunimos com ela algumas vezes e escutei preciosidades sobre o cosmograma. Disso não posso escrever e não vou falar, porque é uma dimensão da “porteira para dentro”, ou seja, tem a ver com as questões secretas da religiosidade. Trata-se de elementos espirituais. Da “porteira para fora”, a dimensão que me interessa é epistemológica, o que trago aqui e que chamo de uma cartografia da produção do conhecimento, a partir do Cosmograma Bakongo. Em outros termos, me interesso pelo cosmograma, academicamente falando porque me permite pensar o pensamento e produzir o pensamento em ação.

Entrevistador II: Nos diga uma coisa Eduardo, no culto aos orixás, qual é o seu deus preferido? Como você se encontra com o sagrado?

Eduardo Oliveira: Eu não tenho orixá preferido. Eu tenho a graça do contrário, de

¹⁰ O leitor interessado no assunto pode conferir texto publicado na “Revista Odeere”, autoria de Augusto Sérgio dos Santos De São Bernardo, intitulado “A lenda e a lei: a ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo”, disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4422>.

¹¹ Indicamos para aprofundamento, *podcast* organizado pelo “Filosofia Pop”, intitulado “Bunseki Fu-Kiau, com o músico Tiganá Santana sobre o pensador Bunseki Fu-Kiau”. Disponível em: <https://www.stitcher.com/podcast/filosofia-pop/e/65736397>.

¹² Makota Valdina faleceu poucos dias após esta entrevista ter sido realizada.

o orixá me preferir. Quem me preferiu foi Orumilá. Eu me dedico a ele, sou consagrado a ele. Tenho Oxaguiã, no meu Ori, na minha cabeça. Oxaguiã é um orixá primordial, *funfun*, ou seja, ele é um orixá do branco. Primordial se refere aos orixás que criaram o mundo, que o conceberam. São os mais antigos.

Tenho Oxum em ajuntó – que seria uma espécie de divindade secundária de cada iniciado –, o que é uma delícia! Traz um pouco de água e frescor para essa coisa muito aérea que eu sou também. Tenho Oxossi, Ogum, Xangô e, claro, Exu. Tenho dois exus em casa. São os orixás que escolheram viver comigo, que me chamaram para cuidar deles e, estou tentando dar conta dessa tarefa, não é coisa simples. Meu pertencimento é esse.

Esse ano eu devo fazer uma iniciação, que me está tomando toda a energia, espiritual e física. Fui chamado já há algum tempo, mas dessa vez foi muito assertivo. Fui convocado a me tornar babalaô¹³, algo que não estava no meu horizonte e que eu não posso dizer não.

Eu vou fazer e vou entrar, vou mudar meu Odu, em linhas gerais, meu Destino, para servir minha comunidade na condição de babalaô. Então esse vai ser meu pertencimento. Já é meu pertencimento. Eu só vou oficializar isso numa cerimônia. E aí, essa seria toda uma conversa a parte. Toda outra, toda própria, porque fundamentalmente é a coisa mais importante da minha vida de hoje, junto com o meu filho, obviamente.

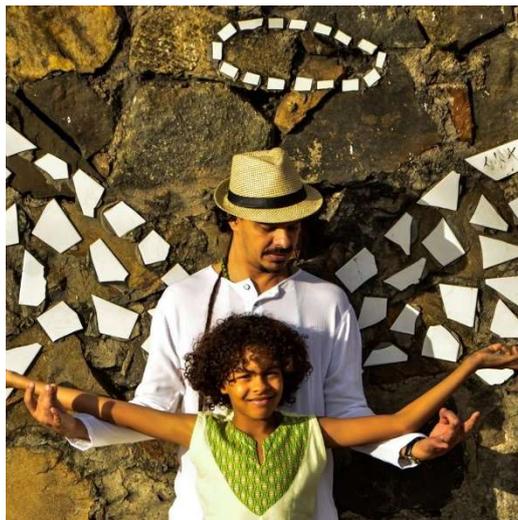


Figura 2 - Eduardo Oliveira e seu filho Davi Damião de Oliveira em momento poético-lúdico.

¹³ Segundo o dicionário de Nei Lopes (2004, p. 87), babalaô é o sacerdote de Ifá, aquele que tem conhecimento e autoridade para praticar a adivinhação através do Jogo de Ifá".

Entrevistador I: Reza a lenda que Carl G. Jung¹⁴ dizia a seus pacientes: “Que mito está vivendo hoje?”. Essa é nossa última pergunta para você.

Eduardo Oliveira: Oxumarê entrou em minha vida nos últimos tempos. Não entendi ainda exatamente por qual razão. Recentemente, participei de uma banca de qualificação de uma aluna da UFRB. Tratava-se de uma mulher negra que não se assumia como negra. Ela tinha uma pele mais clara e já não era uma mulher tão jovem. Eu falei: “você está maluca? Desculpe eu te falar, interferir tanto em sua vida”.

Na defesa do trabalho dela, ela já trouxe outra afirmativa: “Sou uma mulher negra, de terreiro, periférica”. Dessa vez, ela trouxe um discurso muito mais potente. Estava muito mais resolvida consigo mesma, muito mais feliz. Esse negócio de identidade é muito sério.

Reparem, a estudante sabia que sou de Oxaguiã e de Ifá. Ela me entregou após a banca um presente: “eu não sei porque Eduardo, mas lhe trouxe este Orixá”. Deu um para cada membro da banca. Houve uma troca. Quando eu cheguei em casa e abri o meu, era Oxumarê.

Ocorre que, um mês antes um amigo de São Paulo esteve em minha casa de férias. Ele é professor e agnóstico. E, vai e vem, acabamos no *ronkó* da minha casa. O *ronkó* é o quarto onde se cultuam as divindades. Bem, ele consultou os Orixás, pois estava interessado em saber quem era o Orixá dele. Estávamos absolutamente certos de que era Xangô. E eis que a consulta responde: Oxumarê. Eu tinha em casa um cajado de Oxumarê e o dei de presente ao meu amigo.

Outro dia, estou em casa arrumando alguns quadros e encontro, escondida, uma máscara de Oxumarê, que era linda. Não me lembrava mais dela. Toda deteriorada já. Eu a coloquei na parede. Então, eu saio e a primeira coisa que vejo é Oxumarê.

Penso, então, que o mito que estou vivendo é o da mudança. Todos os meus sentidos, pedem mudanças: mudança de hábito, de relações. Mudança e mais

¹⁴ Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica, propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura.

mudança. Há muita coisa em mim de que eu não gosto. Muitas sombras com as quais estou tendo que lidar. Oxumarê é quem está me levando para isso. Não sei como que é esse negócio e quase todos os *ítans*, ou seja, os mitos de Oxumarê me falam de transformação e de mudanças. Trata-se de ligar opostos.

Vou contar uma história – até lembrei dela ontem – que ilustra ainda melhor o mito que estou vivendo. Nesse *ítan* Oxum é um pavão. Tem a ver com o resplendor e a realeza de Oxum. Acontece que em certo tempo, Olorum se afastou dos Orixás. Eles estavam muito vaidosos e a humanidade com muito descaso.

Orixás muito vaidosos, por um lado e seres humanos de alguma maneira, arrogantemente, achando que se governavam sozinhos. Os humanos achavam que não precisavam de divindades. Olorum não se agradou do que estava acontecendo.

Sendo ele é o criador do Mundo, não poderia concordar com o que está acontecendo. Ele se irrita com a humanidade e com os Orixás. Então, ele se vai para além do sol, distanciando-se, deixando humanos e orixás à própria sorte. Os Orixás começam a ficar esquecidos e cresce a rivalidade entre eles. A humanidade começa a sofrer, passar fome, sede, pestes, individualismo, violência.

Alguém teria que convocar novamente Olorum, clamar por ele, com o intuito de reestabelecer a harmonia. Exu tenta mas não consegue. Oxalá também não. As energias mais vigorosas dos deuses jovens como LogunEdé também não logram êxito.

Oxum se dispõe, mas é desencorajada. Como conseguiria? Um pavão não poderia voar até Olorum. Como Oxum, dengosa, mimosa demais, poderia obter vitória? Mesmo sendo desaconselhada, em forma de pavão se aproximou do Sol. Ela ia sendo queimada, tostada. Perdia sua vaidade. Ela se transformou em um pássaro tostado, preto. Transformou-se em um urubu. Ela então consegue passar pelo Sol e alcança Olorum.

Relata a Olorum o que está acontecendo. Olorum não se compadece e nem reconhece Oxum. "Quem é você, minha filha?" Oxum recita seu oriki. Olorum se comove com o sacrifício da deusa, que deixou de ser Oxum para ser um urubu, a sua antítese. Alcançado pelo esforço, retorna e harmoniza os Orixás e a humanidade. Com isso volta a harmonia. A fertilidade vem com a chuva, a fome

não tem mais oportunidade e os valores realmente importantes são reestabelecidos.

Essa história tem a ver com o mito de nosso tempo atual. Estávamos no tempo do pavão. Está na hora de ser urubu, de se desapegar de um tanto de coisas que a gente achava que sabia e atravessar essa rota do Sol, mesmo que corramos risco. É preciso nos reconectar com o que é importante. Penso que este é o mito que a gente vive. Este é o mito que vivo individualmente, mas que também vivemos coletivamente. É um mito que nos conta sobre o tempo que a gente está, quando deveríamos enfrentar nossos perigos internos e externos, positivamente. É tempo de ser e de nos tornarmos “urubus”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da Diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

OLIVEIRA, Dú. *Xirê: a brincadeira lírica (um livro de mito-poema)*. Salvador: Editora Ogum's.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia dos bantu-kongo por Busenki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da FFLCH – São Paulo: USP, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/t.8.2019.tde-30042019-193540>

DE SÃO BERNARDO, Augusto Sérgio dos Santos. A LENDA E A LEI: A ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo. *ODEERE*, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 226-250, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4422>

Alexandre de Oliveira Fernandes: é Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC/UESB/Jequié. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Educação das Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. Desenvolve e orienta estudos nas áreas de linguística, literatura, leitura e escrita, análise do discurso crítica, currículo e educação, semiótica, pós-estruturalismo, interculturalidade crítica, gênero, linguística *queer*, discursos que envolvem o culto aos orixás e as religiões de matrizes africanas, mitologia,

antropologia das religiões, corpo, performance e formação da subjetividade. Estuda especialmente Michael Foucault e Jacques Derrida, Catherine Walsh e Judith Butler, Clifford Geertz e Homi Bhabha. Em 2017 foi aprovado para pós-doutorado oferecido pelo “Mestrado Profissional em História Profissional da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas” da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/Caetitê, desenvolvendo a pesquisa intitulada: “Axé: filosofia/epistemologia exuriana em textos de Ifá”, sob a supervisão do Professor Doutor Emanuel Luis Roque Soares.

Adson Rodrigues de Oliveira: Possui graduação em Pedagogia pela Faculdades Integradas do Extremo Sul da Bahia (2004), Especialização em Coordenação Pedagógica - EAD (Ufba) e Aperfeiçoamento em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça (UFBA). Mestrando do PPGER (Programa de pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais) 2º quadrimestre, turma 03/2019. Desde de 2014 trabalha como Coordenador Pedagógico efetivo no município de Santa Cruz Cabralia-Ba, lotado no Colégio Professora Nair Sambrano Bezerra, desenvolvendo pesquisa sobre a Reprovação Escolar e a relação étnico-racial nesta Unidade de Ensino.

Serinaldo Oliveira Araújo: Mestrando em Ensino e Relações-Étnicos Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia- UFSB, - Campus Sosígenes Costa, Pós-Graduando em Educação e Interculturalidade - IFBA, é especialista em Docência de Gênero e Sexualidade pela Faculdade Unyleya e graduado em Licenciatura em História pela Faculdade Nossa Senhora de Lourdes - FNSL. É professor da educação básica e tem como interesse o Ensino da História da África na perspectiva do próprio continente, a trajetória do negro no Brasil; bibliografias negras, herança intelectual africana, a representação do legado africano e afrodescendente nos livros didáticos, educação para relações étnico-raciais e reflexões políticas acerca das identidades e corpos negros.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 31 de março de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 15 de abril de 2020.